

O ESPAÇO COMO NARRAÇÃO SECUNDÁRIA EM *O SENHOR DOS ANÉIS*

Fellip Agner Trindade Andrade*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma breve análise do papel do espaço em *O Senhor dos Anéis* como uma *narração secundária*, uma força capaz de exercer influência significativa e constante nos desdobramentos da história e nas ações e escolhas dos personagens. Por meio de trechos da obra de J. R. R. Tolkien e de teorias acerca do espaço, este artigo apresenta e discute a forte influência dos espaços aos quais seus personagens pertencem ou nos quais estão inseridos de forma transitória (porém, transformadora) ao longo da Jornada.

Palavras-chave: Teoria literária. Geografia. Espaço literário. Legendarium. Tolkien.

Introdução

Desde a controversa e revolucionária publicação de *A origem das espécies por meio da seleção natural* (1859), de Charles Darwin, aos mais recentes e respeitados estudos históricos e culturais de renomadas universidades espalhadas pelo globo, o *meio* (ou *ambiente, espaço*) é visto como parte importante e crucial no desenvolvimento dos seres e de suas sociedades. A paisagem constitutiva de um lugar sempre exerceu influência pontual e significativa na construção das identidades e das características, tanto físicas quanto psicológicas, culturais e comportamentais dos seres que a habitam. Como seria, por exemplo, a vida dos beduínos sem o deserto, ou dos esquimós fora das Ilhas Árticas, no extremo norte da Groenlândia?

Segundo o professor Milton Santos, ao longo de seu livro *Espaço e Método* (2020) — bem como em toda a sua vasta obra como o mais renomado geógrafo brasileiro —, o espaço deve ser interpretado como uma dimensão intrínseca à sociedade, abrigando e sendo influenciado pelas demais dimensões sociais, uma vez que o próprio *espaço*, em si mesmo, é social (SANTOS, 2017). As peculiaridades ambientais de um local, sem dúvida, moldam as peculiaridades, tanto físicas quanto culturais de seus habitantes, ou de seus desbravadores que, temporariamente, sofrem as ações desses lugares. Portanto, como argumenta Milton Santos (2020), o espaço deve ser concebido não apenas como uma mera condição, mas como um fator essencial para o progresso da evolução social.

Do leste europeu ao extremo sul da África, passando pelo Oriente-médio, os espaços de desenvolvimento dessas comunidades influenciaram as mesmas, e vice-versa. Das engenhosas adaptações arquitetônicas do Egito Antigo à divisão das Tribos de Israel, tudo se caracteriza como a influência física do meio agindo sobre a sociedade, a cultura e a política desses povos: influências que, ainda hoje, repercutem em conflitos culturais, étnicos e bélicos — das ex-repúblicas soviéticas às tribos africanas, da Palestina à divisão de Jerusalém. Esses e tantos outros exemplos corroboram o pensamento de Santos (2017; 2020), de que indivíduos, sociedades e lugares estão física e culturalmente conectados.

De forma similar, na literatura, os personagens e as histórias podem estar estreitamente conectados aos diversos espaços, físicos e histórico-culturais). E esses mesmos *espaços*, algumas vezes menosprezados, ou simplesmente minimizados a um *papel de parede* para a narrativa, podem, em diversos outros trabalhos em que exercem todo o seu poder, dizer muito a respeito da história a qual pertencem. Esse poder do espaço, ao contrário do que alguns

* Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Possui experiência, trabalhos e publicações na área de Letras e Estudos Culturais, com ênfase em Literatura, Arte, Cultura e Sociedade na Globalização e na Era Digital. Entre as últimas publicações, destacam-se: “‘O velho e querido Condado’: uma breve análise do papel do espaço rural em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*” (Diálogos Pertinentes), “Literatura e ‘oralidade secundária’” (Claraboia), e “Recepção literária e mídias: uma breve análise de *The Handmaid’s Tale*” (Estação Literária). E-mail: agner.fellip@gmail.com

possam pensar, caracteriza-se por uma presença de forte condução da história e dos próprios personagens, e de forma constante.

O espaço pode servir de fio condutor das histórias nas quais ele exerce seu poder de influência, como uma *narração secundária* que ordena, possibilita, ou cria pretextos para que certos acontecimentos possam ocorrer dentro da história ou, até mesmo, pode se apresentar *também* como personagem da construção da narrativa em si. O que seria, por exemplo, de *A Odisseia* (séc. VIII AEC), de Homero, sem a congestionada paisagem insular grega desenhada pelos deuses? O que seria de *Os Lusíadas* (1572), de Camões, em mares menos bravios ou menos desconhecidos? Ou como seria a história de *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, sem a desolada e seca paisagem do nordeste brasileiro?

Uma das obras mais influenciadas por sua própria paisagem constitutiva é a obra de John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973). O escritor, ilustre professor da Universidade de Oxford, criou uma mitologia de um mundo próprio, tido por ele mesmo como um Mundo Secundário ao nosso, como demonstrado em diversas de suas cartas (TOLKIEN, 2006). Mais que uma história de aventura fantástica, J. R. R. Tolkien foi capaz de criar uma mitologia tão complexa quanto as mitologias grega e nórdica — esta última exercendo grande influência em Arda¹ e no *Legendarium* de Tolkien² (FERREIRA, 2013).

Tolkien criou um mundo de paisagem própria e peculiar, com suas divindades, sua topografia, idiomas dos mais diversos, seres fantásticos e, até mesmo, uma botânica paralela à real. O escritor criou seu mundo através da Grande Canção, descrita em *O Silmarillion* (2009b [1977]) como a Música dos *Ainur*.³ Os Seres Sagrados, a pedido de Eru, o Único,⁴ cantam a canção que dá origem à Arda, como um mundo secundário ao nosso.

Neste artigo, discutiremos, a partir de personagens e trechos de *O Senhor dos Anéis* (1953-1954), como o *espaço* (físico e social) influencia de forma significativa os desdobramentos da história, bem como os comportamentos, características e visões de mundo dos personagens que são afetados pela paisagem à qual estão culturalmente conectados ou transitoriamente inseridos, demonstrando como o *espaço* é utilizado como uma *narração secundária*, influenciando, moldando e, até mesmo, criando desdobramentos e acontecimentos na história narrada.

De forma paradoxal, o espaço é estipulado pela narração (que descreve ao leitor o ambiente físico e/ou social em que se passa a história) e, ao mesmo tempo, a narração é estipulada (ou, pelo menos, fortemente influenciada) por ele. O *espaço* estabelece, em relação à narrativa, uma dependência presa às suas peculiaridades geográficas e culturais, pois, quando se pensa no *Legendarium* de Tolkien, o espaço e as histórias dos povos e culturas presentes em sua obra estão intrinsecamente ligados, tanto no sentido físico (geográfico) quanto no sentido cultural (as histórias e as sociedades que habitam esses lugares). Uma vez estipulado o espaço onde a história se passará, ela se encaminhará moldada por esse mesmo espaço e por suas influências significativas, seguindo um caminho de coerência narrativa, ou um caminho estético e comportamental, que se encaixe nessa paisagem.

Sendo assim, neste artigo, o conceito de *espaço* poderá agregar fatores ora “sociais”, ora “naturais”, bem como a relação entre esses dois aspectos do *espaço* e suas consequências para os desdobramentos da história e os destinos de alguns dos personagens. O fator social surge a partir das relações humanas — ou, neste caso, das relações dos personagens — em um dado ambiente (sociedade, cultura, história), ou seja, o espaço como “uma instância da sociedade” (SANTOS, 2020, p. 11). Já o fator natural é formado pelo espaço físico (geografia, paisagem,

¹ Arda, correspondente à Terra na obra de Tolkien.

² Coleção de histórias e mitos criados por J.R.R. Tolkien.

³ *Os Sagrados*, foram os primeiros seres criados por *Ilúvatar*, antes mesmo de Arda. São divididos entre os *Valar* (superiores) e os *Maiar* (inferiores).

⁴ Ou *Ilúvatar*, correspondente a Deus na crença judaico-cristã.

natureza), anterior à ação humana — ou dos personagens.

O poder do espaço: a *narração secundária* em o ‘*Senhor dos Anéis*’

Mikhail Bakhtin, em seus estudos acerca do romance, chama de *cronotopo* a relação indissolúvel do espaço e do tempo. Segundo o teórico russo, a relação espaço/tempo não seria meramente uma descrição cronológica, mas um processo em contínua formação no qual se realizariam os acontecimentos (BAKHTIN, 2018). Sendo assim, o *cronotopo* seria o espaço/tempo no qual os acontecimentos ganham forma e se realizam, construindo as cenas no texto literário. Podemos pensar, pois, a *cronotopia* como “uma dimensão formal constitutiva das narrativas que define os rumos da trama na literatura” (MACÊDO; VIEIRA, 2015, p. 123).

Em *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (2018), Bakhtin define seu conceito da seguinte forma:

Chamaremos de *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. [...] importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço). (BAKHTIN, 2018, p. 11)

Eric Bronson, professor do Departamento de Humanas na York University em Toronto, em seu artigo, “Grandes pés peludos: um guia hobbit para a iluminação” (2012), realça o papel da paisagem no mundo criado por J. R. R. Tolkien, dizendo que: “As pessoas e os lugares são conectados de forma íntima, algo que Tolkien compreendia profundamente. ‘Sabidamente, comecei com um mapa, e fiz a história se encaixar nele’, disse o escritor sobre *O Senhor dos Anéis*” (BRONSON. In: IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 41). A fala do autor dialoga diretamente com a concepção de espaço e sociedade defendida por Milton Santos (2020), já citada na introdução deste artigo, bem como evidencia de forma muito clara a importância do espaço na obra de Tolkien, em especial, neste trabalho, os espaços que moldaram os eventos do final da Terceira Era,⁵ que culminaram com a história de *O Senhor dos Anéis*.

Percebe-se, através de várias das suas ações condutoras na narrativa de *O Senhor dos Anéis*, que não cabe ao espaço ser minimizado a um papel de parede ou a um simples pano de fundo que tenha o objetivo ínfimo de localizar a história espacialmente, pois seu papel vai muito além de bússola imperceptível presente na narrativa, ou um cenário que sirva apenas de elemento decorativo. Uma odisséia espacial, por exemplo, não poderia ser moldada por uma paisagem que destoasse do seu sentido; logo, esse papel de moldura se intensificaria a um papel constitutivo da história, e não apenas ornamental — o que pode ser claramente percebido no *Legendarium* de Tolkien, o qual é escrito inteiramente apoiado em um mundo física e metafisicamente criado pelo autor, no qual as vivências de seus personagens se dão das mais diversas formas, biológicas, sociais, culturais, linguísticas, entre outras.

Silvana Pessoa Oliveira e Luis Alberto Brandão Santos, professores do Departamento de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, em seu livro, *Sujeito, tempo, espaço ficcionais: ensaios de teoria da literatura* (2019), afirmam que, no século XIX e princípios do século XX:

O espaço era pensado mais como uma geografia, um território demarcado, do que um desdobramento de vivências. Nessa perspectiva, ou se abordava o espaço narrativo enquanto lugar de representações míticas — espécie de cenário difuso e desfocado, sintonizado em um eterno presente —, ou, no extremo oposto, pretendia-se focalizar o espaço enquanto região delimitada, com suas características singulares. Bom

⁵ Cronologia das Terras do Oeste. Ver: *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei* (2000), p. 371, Apêndice B.

exemplo dessa segunda tendência é o chamado “romance de 30” brasileiro, em que se objetiva efetuar a denúncia das condições de vida do meio rural, privilegiando-se, para isso, a descrição da ambientação física. [...] Em tais cenários, cria-se um microcosmo em função do qual vão se definindo as condições históricas e sociais das personagens, onde é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes, as coisas e os comportamentos. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 78-79)

É possível, em *O Senhor dos Anéis*, depreendermos o papel do espaço construído pela história e, ao mesmo tempo, construtor dela. Na longa história contada por Tolkien, o espaço, ainda que exercendo uma enorme influência geográfica, deixa seu plano físico e se instala, *também*, na história como uma personagem — poderíamos citar aqui os exemplos de Tom Bombadil, Fruta d’Ouro e Barbárvore (os quais ainda serão aprofundados) —, além de seu papel como uma *narração secundária* que orienta os desdobramentos possíveis da narrativa e as características físicas e psicológicas de seus personagens.

Essa ligação afetiva com espaço é chamada pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan de *topofilia*, um conceito que incorpora sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética por lugares e paisagens, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5), “incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107), e no qual “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar, que podem estar imbuídos de felicidade e realização, ou mesmo tristeza e melancolia” (TUAN, 1983, p. 158), como nos exemplos citados.

Em *O Senhor dos Anéis*, pode-se perceber uma relação singular estabelecida estreitamente entre personagens e espaços em pelo menos seis passagens da história, em que personagem e espaço — *aparentemente* — tornam-se *uma coisa só*, tamanha a ligação fixada entre eles. A primeira forte ligação entre personagens e espaço pode ser percebida na relação entre os hobbits⁶ e o Condado.⁷ Os hobbits, claramente, vivem daquilo que o meio rural lhes oferece e da forma que os influencia como indivíduos e sociedade, “seja nas cores de suas roupas, como as de seus jardins, nas cores de seus dedos, na lida com a terra, ou nas solas dos pés grossas como couro e nas gargalhadas profundas e alegres” (ANDRADE, 2022, p. 110), características de um povo que vive de forma pacífica nas terras rurais do Oeste, longe de guerras e dos grandes problemas, não mais que aqueles relacionados às suas terras e aos seus jantares — “o que fazem duas vezes por dia, quando podem” (TOLKIEN, 2009a, p. 2)

Além da forte ligação dos hobbits com sua terra, já evidente nos primeiros capítulos de *O Senhor dos Anéis*: a Sociedade do Anel (2000 [1953]), outra ligação que merece ser mencionada refere-se a Tom Bombadil e sua bela esposa Fruta d’Ouro, apresentada no primeiro livro da trilogia. Tom, bem como sua companheira, é absurdamente alegre, e canta e pula e dança como se a vida valesse a pena — e de fato eles a mostram valer — e, por isso, são tão tenros e alegres e, provavelmente, tão velhos quanto às terras onde habitam.

A bela mulher se assemelha a uma ninfa — por mais que não seja — e o homem estabelece uma ligação direta com os animais e até mesmo com as árvores — como no caso do Salgueiro Homem⁸ que ataca os hobbits. Os personagens prestam grande ajuda aos hobbits, salvando-os do ataque do Salgueiro-homem e hospedando-os em sua casa. Tom Bombadil é um personagem misterioso, de significado profundo, podendo ser interpretado como uma personificação dos bosques e florestas. Já sua esposa, Fruta d’Ouro, pode ser interpretada como a personificação de riachos e cursos d’água.

O espaço e os personagens aqui se confundem como se fossem um só, como se Tom

⁶ Pessoas de baixa estatura e de pés peludos, habitantes do Condado, no Oeste da Terra-média.

⁷ Um local pacífico e rural no Oeste da Terra-média, lar dos hobbits.

⁸ O Velho Salgueiro Homem era uma árvore antiga (provavelmente tão velho quanto Tom Bombadil). Era de um tempo em que as florestas cobriam grande parte da Terra-média. No entanto, quando as pessoas começaram a tomar posse das terras e derrubar as florestas, algumas árvores como o Velho Salgueiro Homem se tornaram enfurecidas, cheias de malícia e tomadas por ressentimento.

Bombadil e Fruta d'Ouro fossem entidades espirituais da paisagem, ou as próprias personificações das estações, por exemplo, estabelecendo um senhorio sobre o espaço. Nada é muito claro, *mas muito*, muito subjetivo a ponto de, paradoxalmente, ser *evidente*. Esta passagem, a propósito, caracteriza-se como uma das mais complexas de toda a obra mitológica de Tolkien. No trecho a seguir, Tom Bombadil diz que sua esposa é a responsável por “lavar tudo”, quando a chuva começa a cair sobre a casa e toda a paisagem ao redor, como se fosse ela a responsável pela água que desce das nuvens:

O vento alto se acalmou no Oeste, e nuvens mais espessas e úmidas se formaram, para derramar sua carga de chuva nas cabeças calvas das Colinas. Não se via nada em volta da casa a não ser água caindo. [...]

— Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo — disse ele. — O dia de limpeza do outono. Molhado demais para hobbits [...] (TOLKIEN, 2000a, p. 135-136)

Já no próximo trecho, ao (tentar) explicar para os hobbits quem era Tom Bombadil, Fruta d'Ouro o coloca como senhor da paisagem:

— Linda senhora! — disse Frodo novamente, depois de um tempo. — Diga-me, [...] quem é Tom Bombadil?

[...] — Ele é, como já viram — disse ela em resposta ao olhar de Frodo. — Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas.

[...] — As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. Tom Bombadil é o Senhor. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. Tom Bombadil é o Senhor. (TOLKIEN, 2000a, p. 130)

Em *O Senhor dos Anéis: as Duas Torres* (2000 [1954]), uma terceira ligação estreita entre espaço e personagem se estabelece entre os ents⁹ e as florestas, em especial, com Barbárvore, o mais velho dos ents (uma raça humanoide de árvores gigantes na Terra-média), também chamado de Fangorn, nome que dá à floresta a qual habita, podendo ser interpretado como uma personificação da própria floresta que leva seu nome. Os ents eram “o povo mais antigo que sobrevivia na Terceira Era”.¹⁰ Logo, para um povo tão antigo, é natural que se tornassem sábios e extremamente ligados ao espaço que habitavam por milênios. Porém, nessa passagem de Barbárvore, espaço e personagem se tornam um só, de forma muito clara. O ent habita a velha Floresta de Fangorn e, segundo suas próprias palavras, “Sim, ent é a palavra. O ent, eu sou, você pode dizer, no seu modo de falar. Fangorn é meu nome, segundo alguns, outros me chamam de *Barbárvore*. *Barbárvore* está bom” (TOLKIEN, 2000b, p. 60, grifos do autor). Percebe-se, então, que ambos, espaço e personagem, são uma coisa só. A floresta e o ent.

Outra curiosidade na relação íntima entre os ents e o espaço, é o fato de há séculos — *talvez há milênios* — não encontrarem mais as entesposas, as companheiras dos ents. Isso se deu única e exclusivamente por essa ligação com o lugar, tão arraigada nesses personagens singulares.

— É uma história muito triste e estranha — continuou ele [Barbárvore] [...] os ents devotavam seu amor a coisas que encontravam pelo mundo, e as entesposas devotavam o seu a outras coisas; pois os ents amavam as grandes árvores e as florestas, e as encostas de colinas altas [...] Mas as entesposas se dedicaram a árvores menores, e a campinas ao sol além dos pés das florestas; viram o abrunheiro nas moitas e a macieira selvagem e a cerejeira florescendo na primavera; e as ervas verdes nas terras banhadas pela água e a grama deiscente nos campos durante o outono. (TOLKIEN, 2000b, p. 72-73)

⁹ Ents são pastores de árvores e se assemelham a elas; têm a capacidade de se locomover, pensar e falar.

¹⁰ *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Apêndice F. Pág. 423.

Foi justamente a relação ents/entesposas e o lugar que habitavam e/ou escolheram para habitar que os fez se separarem. É “a identidade do ser exatamente como identidade relaciona: o ser é porque se relaciona” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 68, grifo dos autores). A canção élfica entoada por Barbárvore acentua ainda mais esse mesmo aspecto de identidade psicológica e sentimental com o espaço, identidade de pertencimento ou, até mesmo, senhorio, como no caso dos ents e das entesposas que pastoreiam as árvores.

Ent: *Se a Primavera enfolha a faia e a seiva os galhos banha,
Se a luz se espelha no regato e há vento na montanha,
Se o passo é largo, duro o esforço e frio corta o ar
Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que é belo este lugar!*

Entesposa: *Se a Primavera ao campo chega e o trigo está na espiga,
Se branca a flor qual neve brilha e no pomar se abriga,
Se em chuva e sol por sobre a terra perfume há no ar,
Eu fico aqui, não volto não, é belo o meu lugar.*

Ent: *Se for Verão por sobre a terra e à tarde a luz dourada
Mil sonhos verdes derramar nas folhas enlaçadas;
Se verde e fresco for o bosque e o vento for bem-vindo,
Volta pra mim! Volta pra mim! Diz que aqui tudo é mais
lindo!*

Entesposa: *Se for Verão e no calor a fruta escurecer,
Se a palha é seca, e a espiga branca na hora de colher;
Se pinga o mel, cresce a maçã ao vento que é bem-vindo,
Eu fico aqui, à luz do sol, pois isso é bem mais lindo!*

Ent: *Se for Inverno, o duro Inverno que mata e campo Cinvade,
Se a noite escura o dia sem sol devora sem piedade,
Se o Vento Leste for mortal, então na chuva fria
Vou procurar-te, vou chamar-te, eu volto nesse dia.*

Entesposa: *Se for Inverno sem canções, se treva enfim vier,
Quebrado já inútil galho, se luz já não houver,
Vou procurar-te e esperar-te, até seguir um dia
Contigo pela estrada afora sob a chuva fria!*

Ambos: *E juntos para o oeste vamos nos encaminhar
E longe, longe encontraremos onde descansar.*
(TOLKIEN, 2000b, p. 74-75)

A ligação dos ents e das entesposas com os espaços que ocupam é tão forte que os impedem de ficarem juntos mais uma vez. Como Barbárvore explica aos hobbits Merry e Pippin: “Não houve entinhos — crianças, vocês diriam — por uma conta interminável de anos. Sabem, perdemos as entesposas” (TOLKIEN, 2000b, p. 72). Fica claro que o *poder de persuasão* do espaço está acima, até mesmo, dos interesses reprodutivos dos ents, e, conseqüentemente, da sobrevivência da raça.

Essas relações *osmóticas* entre personagem e espaço também podem ser encontradas em várias passagens a respeito de diversos povos da Terra-média, como o Homens Selvagens¹¹ — extremamente adaptados às suas florestas — o povo de Minas Tirith¹² — forte e austero como

¹¹ Os Drúedain, também conhecidos como Woses, eram um povo selvagem que vivia na Floresta Drúadan e Drúwaith Iaur, no final da Terceira Era.

¹² Minas Tirith, anteriormente Minas Anor, é uma cidade fortificada, casa dos Altos Reis de Gondor e capital do reino.

sua cidade, baluarte dos homens frente ao Inimigo — , os orcs¹³ e Mordor — fortaleza de Sauron, o Senhor do Escuro,¹⁴ onde o solo é seco, o vento fede a enxofre e até mesmo o ar é venenoso —, e no caso de Ithilien¹⁵ e Faramir,¹⁶ talvez a mais sutil entre todas as ligações de personagem e espaço em *O Senhor dos Anéis*.

A bela Ithilien, que fora os jardins dos antigos Altos Reis de Gondor,¹⁷ acaba se tornando o Principado de Faramir que, apesar de pertencente à Casa dos Regentes, guarda consigo grandes ensinamentos do mago Gandalf e dos tempos antigos. Nada mais natural ou associativo que o último recanto intacto dos tempos antigos ficasse sob o poder do único dos homens de Gondor a valorizar a tradição dos Grandes Homens do Poente.¹⁸ Essas são relações que transcendem o aspecto geográfico do espaço que se torna, também, um espaço histórico-cultural (social).

Ao contrário do que alguns possam acreditar, e como demonstrado nos exemplos acima, o espaço na literatura não se resume às características físicas e geográficas de um lugar onde se passa a história, mas, também, a uma imagem psíquica e sentimental que emerge da própria história e circunda a leitura ou, até mesmo, a escuta de uma história. Como bem nos lembram Oliveira e Santos (2019):

A literatura [...] propõe que se questione a primazia dos espaços concretos sobre outros tipos de espaço — comumente denominados de espaços subjetivos, imaginários, ficcionais, abstratos, etc. Melhor dizendo: a literatura costuma interrogar a certeza que possuímos quando acreditamos na *concretude* dos espaços. Não se trata de negar a existência do espaço físico, mas de chamar atenção para o fato de que é impossível dissociar, do espaço físico, o modo como ele é percebido. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 68-69, grifo dos autores)

Tanto quanto a diferença entre *país* e *nação*, vemos, em *O Senhor dos Anéis*, que o espaço trabalha a história no plano físico, bem como no plano sentimental, cultural, histórico, étnico e, até mesmo, linguístico, demonstrando, mais uma vez, a forte relação entre *espaço* e *sociedade*, como tratado por Milton Santos (2017; 2020). O *espaço*, tanto em sua dimensão física quanto cultural, na obra de Tolkien, pode ser considerado um personagem crucial tanto quanto os membros da Comitativa do Anel,¹⁹ ou Sauron, O Senhor do Escuro. Ele — o espaço — exerce um papel contínuo e singular, mais forte do que a ação e o desejo interno dos personagens, uma vez que a geografia se impõe fisicamente na Jornada e o ambiente molda parte considerável das características físicas, psicológicas e culturais de suas sociedades, bem como dos aventureiros que são temporariamente afetados por esses *espaços*, físicos e culturais. Como bem expressado por Mikhail Bakhtin, é a “inseparabilidade do espaço e do tempo” (BAKHTIN, 2018, p. 11), ou, para nossa discussão, a inseparabilidade do *espaço* e da *história* que é nele narrada, moldada por suas peculiaridades físicas e culturais.

Uma constante em *O Senhor dos Anéis*, como pode ser percebido nas singularidades compartilhadas pelo Condado e seus habitantes (ANDRADE, 2022), bem como nos exemplos até agora citados, é a forte influência do *espaço* em seus personagens e a influência destes nos espaços em que são e/ou estão inseridos. Contudo, essa característica presente na obra de

¹³ Soldados do Inimigo; uma espécie de *goblin* maior e cruel.

¹⁴ Responsável por forjar o Um Anel (o maior entre os Anéis de Poder na Terra-média), Sauron era um dos mais poderosos entre os *Maiar* e servo de *Morgoth* (ou *Melkor*), o Primogênito de *Ilúvatar* e o primeiro Senhor do Escuro (inicialmente, o mais poderoso dos *Ainur*).

¹⁵ A província mais oriental de Gondor. Ithilien era uma terra próspera na Segunda e na metade da Terceira Era, repleta de numerosos jardins e florestas, e por isso representa o passado forte e grandioso de Gondor.

¹⁶ Irmão mais novo de Boromir e filho de Denethor II.

¹⁷ O maior e principal reino dos homens na Terra-média.

¹⁸ Os primeiros reis da Terra-média, vindos de Beleriand após a grande inundação desta.

¹⁹ O grupo de Nove integrantes encarregados de, junto com o portador do Um Anel, leva-lo às Fendas da Perdição para que fosse destruído pelo fogo no qual ele havia sido forjado.

Tolkien não se limita apenas ao Condado, à Fangorn, ou à Ithilien. Muito pelo contrário, o poder exercido pelo espaço em *O Senhor dos Anéis* se torna mais influente nos rumos da história e no futuro de seus personagens por meio da Estrada e da Jornada que se dá nela, e que, conseqüentemente, é moldada pela própria Estrada e pelas trocas feitas entre *espaço* e personagens, afinal de contas, como nos diz Milton Santos: “a História não se escreve fora do espaço” (SANTOS, 2017, p. 81).

Essas trocas entre espaços e personagens podem ser mais bem entendidas analisando os papéis que são exercidos tanto pelos personagens quanto pelo espaço. A evidência dessa influência exercida pelo espaço — e as conseqüentes trocas de contextos com os personagens, ora sofrendo a ação, ora provocando-a — torna-se, claramente, um fator determinante para os rumos da história e para as escolhas dos personagens a partir do momento em que Frodo Bolseiro,²⁰ acompanhado de seus amigos hobbits, Samwise “Sam” Gamgi, Peregrin “Pippin” Tûk e Merry Brandebuque, deixa o Condado “em direção ao perigo” (TOLKIEN, 2000a, p. 68).

Ainda do lado de dentro das cercas-vivas do Condado, Frodo e seus companheiros já sentem a forte influência da mudança de ambiente em seus passos e ações, seja no atalho para os cogumelos e suas conseqüências, ou ainda na balsa de Buqueburgo e o providencial Rio Brandevin que os separou do inimigo e lhes garantiu tempo e segurança, tornando-se ainda mais evidente quando deixam as terras do Condado — como na passagem do grupo de amigos pela Floresta Velha, na qual as árvores pareciam dificultar a caminhada dos hobbits de modo a quererem expulsá-los da floresta.

Quando questionado por Frodo qual caminho este deveria tomar, Gandalf disse ao hobbit: “em direção ao perigo; mas sem precipitação demasiada, e não direto demais” (TOLKIEN, 2000a, p. 68). Essa *exortação* do Mago Istari,²¹ em direção ao perigo, não se limita às Fendas da Perdição,²² na terra de Mordor (covil de Sauron), onde o Um Anel poderia ser destruído no fogo do qual fora forjado. O perigo que Gandalf menciona é também o perigo que se encontra na própria Estrada e no que ela guarda para os viajantes.

— Mas você ainda não está conseguindo enxergar muito longe — disse Gandalf. — Nem eu. Sua tarefa pode ser encontrada nas Fendas da Perdição; mas essa busca pode estar destinada a outros. Eu não sei. De qualquer modo, você ainda não está pronto para aquela longa estrada. (TOLKIEN, 2000a, p. 68)

Fica claro, a partir das palavras do Mago, que resta a Frodo estar preparado para a “longa estrada”. Logo, da Estrada, é que se dá a troca de contextos entre os personagens e o espaço, entre suas bagagens culturais e psicológicas herdadas de sua terra natal (o Condado), sejam elas satisfatórias ou não, em contato com as características do espaço e seu grande poder de influência, seja em suas imposições físicas, no caminho geográfico que os conduz, ou em suas imposições culturais, no contato com diferentes raças, culturas e sociedades da Terra-média.

De fato, *O Senhor dos Anéis* narra uma história de transição de um ponto geográfico a outro: do Condado, no Oeste da Terra-média, até Mordor, no Leste, além o derradeiro regresso; logo, seria óbvio o poder exercido pelo espaço físico na história. Contudo, essa transição meramente geográfica se torna, através da própria jornada em si, uma transição de valores e culturas (ANDRADE, 2022). Dessa forma, percebe-se que, tanto a história narrada quanto os personagens estarão sujeitos ao espaço físico (geografia, paisagem, natureza) e toda a sua influência que possa reverberar no espaço social (sociedade, cultura, história), o que nos leva à relação, nos estudos geográficos, entre espaço e sociedade defendida pelo geógrafo Milton

²⁰ O portador do Anel de Poder, passado para ele por seu primo Bilbo, o qual o havia achado há muitos anos nas profundezas das Montanhas Nebulosas, em sua aventura com os anões rumo à Montanha Solitária, contada no livro *O hobbit* (2009 [1937]).

²¹ Dentre os *Maiar* (seres designados para ajudarem na criação do mundo, Arda) há a os *Istari*, um pequeno grupo de magos, de aspecto semelhante ao dos Homens, mas possuindo maior capacidades físicas e mentais.

²² A montanha de fogo na qual Sauron forjou o Um Anel.

Santos em “Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e método” (2017), no qual o autor afirma que: “a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.” (SANTOS, 2017, p. 81).

Já nos estudos literários, retomando as ideias de *cronotopia* em Bakhtin (2011), podemos dizer que o espaço/tempo no qual os personagens estão inseridos influencia suas vivências não apenas de forma topográfica, mas também de forma cultural. Silvana Pessoa Oliveira e Luis Alberto Brandão Santos (2019) afirmam que se pode situar uma personagem ficcional: fisicamente (*espaço geográfico*), temporalmente (*espaço histórico*), em relação a outros personagens (*espaço social*), em relação às características existenciais (*espaço psicológico*), em relação às formas de expressão (*espaço de linguagem*), entre outros (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 51). Esses espaços apontados pelos autores, e ainda outros, podem ser analisados em toda a obra de J. R. R. Tolkien, de seus primeiros escritos, ainda em rascunhos, até suas últimas publicações em vida, e até mesmo em suas famosas cartas (nas quais o autor costumava abordar, entre outros assuntos, as questões geográficas e as diferentes culturas em sua obra).

Como já dito, Tolkien afirma em suas cartas ter feito, inicialmente, um mapa, e neste encaixado sua história. O poder do espaço em *O Senhor dos Anéis* atinge seu ápice nas próprias palavras de seu criador. A história, por mais que estivesse aberta à manipulação do autor e aos próprios anseios da narrativa e dos personagens que ganham vida internamente nela, teve, de alguma forma, que se encaixar na paisagem criada por ele próprio, tronando-se, assim, uma grande jornada — no caso, a jornada da Sociedade do Anel.

Segundo Oliveira e Santos (2019):

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de *posicionamentos* relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade dos ser exatamente como identidade relaciona: o ser *é* porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo *é* ao descobrirmos onde, quando, como — ou seja: em relação a quê — esse algo *está*. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 68, grifos dos autores)

Retomando a relação intrínseca entre *espaço físico* e *espaço social* em Milton Santos (2017) e, da mesma forma como fora mencionado anteriormente (em relação à saída dos hobbits do Condado), a jornada da Comitiva do Anel mostra claramente essa relação mútua que é estabelecida entre personagens e espaços, como demonstrado nos escritos de Bakhtin acerca do *cronotopo*. Segundo o autor, trata-se de “[...] uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho) [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 225). Em seus estudos do tema, especialmente nos romances do escritor alemão Goethe, Bakhtin (2011) deixa evidente a relação estreita entre o *cronotopo* e a identidade dos personagens. Segundo ele:

A capacidade de *ver o tempo, de ler o tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2011, p. 225, grifos do autor).

Desde a saída do Condado, Frodo e seus amigos passam por *modificações*, algumas temporárias, outras mais duradouras, mas todas essas de alguma forma ligadas ao *espaço*: como

na casa de Tom Bombadil, na aldeia de Bri,²³ em Valfenda,²⁴ em Lórien,²⁵ e assim por diante, através de todos os três livros. Dessa forma, Tolkien estabelece “um sistema variável de relações” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 51), as quais se modificam ao longo da caminhada, evidenciando o que Yi-Fu Tuan (1980; 1983) e Milton Santos (2017; 2020) argumentam a respeito da ligação entre o(s) indivíduo(s) e o(s) lugar(es), bem como Bakhtin (2011) argumenta, na literatura, a respeito da relação entre o espaço/tempo e as identidades dos personagens. Os comportamentos destes e suas percepções psicológicas e morais passam por mudanças, são postos à prova, e são *re*-construídos por meio do contato com os diversos espaços aos quais são apresentados ou inseridos, mesmo que de forma transitória (ANDRADE, 2022) — como nos reinos élficos, nos grandes salões de Khazad-dûm (Moria), na Floresta de Fangorn, nos Pântanos Mortos, nas escadarias em Minas Morgul, nas Montanhas da Sombra, em Mordor, entre tantos outros locais da Terra-média que modificam os personagens ao longo da Jornada, sobretudo os quatro hobbits.

Gregory Bassham, professor e chefe do Departamento de Filosofia do King’s College, na Pensilvânia, afirma que, em *O Hobbit* (2009a [1937]), “o desenvolvimento moral de Bilbo acontece gradualmente, conforme ele aprende coisas novas, passa por testes, ganha confiança e desenvolve hábitos virtuosos” (BASSHAM. In: IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 21). Esse mesmo desenvolvimento moral adquirido no percorrer da Estrada e as consequências da caminhada no livro *O Hobbit* estão presentes em *O Senhor dos Anéis* e a construção gradual dos personagens que se dá ao longo da Jornada. Sem a Estrada, Sam, por exemplo, não estaria disposto — nos capítulos finais de “As Duas Torres” (2000) — ao invadir a Torre de Cirith Ungol²⁶ para resgatar seu mestre, Frodo, que fora capturado pelos orcs logo após o ataque de Laracna.²⁷ Há, ainda, de se ressaltar aqui o nome do capítulo, intitulado “As escolhas de Mestre Samwise” (TOLKIEN, 2000b, p. 349).

Caso Sam não tivesse sofrido a influência da longa jornada pela Estrada, talvez ele não tivesse coragem suficiente para seu ato quase suicida; não voltaria para ajudar Frodo e muito menos o carregaria em direção às Fendas da Perdição — nos capítulos finais de *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei* (2000 [1954]) — para que pudessem destruir o Um Anel. É a Estrada que coloca Frodo nas costas de Sam: “— Venha, Sr. Frodo! — gritou ele — Não posso carregar a coisa em seu lugar, mas posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha Sr. Frodo, meu querido! Sam vai lhe dar uma carona. É só dizer para onde ir, e ele irá.” (TOLKIEN, 2000c, p. 215).

Além da prova de grande amizade, o ato de Sam se caracteriza como um amadurecimento de sua coragem. Não há dúvidas do amor de Sam por seu mestre e sua boa-vontade, mas quanto à sua coragem e determinação, estas são características novas ao hobbit. Características que foram impostas e adquiridas pelos *espaços* a que fora apresentado ao longo de toda a Jornada, ao longo da Estrada, até seu estágio final nas Fendas da Perdição. Se não bastasse o ato heroico e fraterno de Sam, há uma passagem de singular beleza e delicadeza que pode passar de forma despercebida aos olhos de alguns leitores:

Assim que Frodo agarrou-se às suas costas, deixando os braços com folga ao redor do seu pescoço, e prendendo as pernas com firmeza sob seus braços, Sam levantou-se com dificuldade; então, para seu espanto, sentiu que o fardo era leve. Temera mal ter forças para carregar apenas o mestre, e além disso esperara precisar dividir o terrível peso do maldito Anel. Mas não foi assim. Talvez porque Frodo estivesse tão exausto por suas longas dores, pelo ferimento de faca, e pelo ferrão venenoso, além da tristeza do medo e de tanto tempo vagando sem um lar, ou talvez porque algum dom de força

²³ Uma vila localizada a leste do Condado.

²⁴ *Imladris*, um dos últimos redutos élficos na Terra-média, casa do mestre élfico Elrond.

²⁵ *Lothlórien*, a floresta e o reino élfico governados por Celeborn e sua esposa, Galadriel, um dos maiores elfos na Terra-média.

²⁶ A “passagem da aranha”, uma passagem estreita nas Montanhas da Sombra.

²⁷ Uma aranha gigante que vivia desde os Tempos Antigos, na Primeira Era.

final lhe fora concedido, Sam levantou Frodo tão facilmente como se estivesse carregando de cavaleiro uma criança hobbit, em alguma brincadeira nos prados ou campos de feno do Condado. Respirou fundo e partiu. TOLKIEN, 2000c, p. 2015)

Sam “sentiu que o fardo era leve”. Não há peso em carregar um amigo, muito menos quando já se tenha passado por tantos perigos e dificuldades imensamente maiores. O desenvolvimento de Sam pela Jornada, e, conseqüentemente, pelas implicações do espaço sobre suas ações e suas visões de mundo, atinge seu ápice com a coragem de um hobbit, inicialmente, extremamente comedido, até mesmo enfadonho, pode-se dizer. Daí a influência subjetiva do espaço, no caso, em especial, por meio da Estrada e da Jornada que se dá nela. O leitor não percebe de súbito, pois a influência do espaço (essa *narração secundária*) e a mudança do personagem são graduais; mas o Sam de Mordor, na Montanha da Perdição, não é o mesmo Sam do agora distante Condado. Muito provavelmente, o personagem não teria a mesma ação antes da Jornada, ou, pelo menos, caso ainda assim a tivesse, não seria revestida de tamanha fraternidade, nobreza de caráter e dignidade como o fora, pois, atrás de seus pés peludos e solas espessas, havia toda uma longa Estrada que o levou até aquele estágio.

Na Páscoa do ano de 2008, o então Cardinal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, em uma mensagem para os educadores argentinos, citou a obra de Tolkien e o poder transformador da caminhada presente na história de *O Senhor dos Anéis*:

Tolkien, na literatura contemporânea, retrata em Bilbo e Frodo a imagem do homem que é chamado a caminhar, e seus heróis conhecem e atuam, caminhando, o drama que se dá entre o bem e o mal. O “homem no caminho” carrega uma dimensão de esperança; “entrar” na esperança. Em toda história e mitologia humana subentende-se o fato de que o homem não é um ser parado, estagnado, mas “no caminho”, chamado, “*vocado*” — daí o termo *vaca*ção — e quando ele não entra nessa dinâmica, então se anula como pessoa ou se corrompe. Mais ainda, a pessoa no caminho se enraíza numa inquietude interior que impulsiona o homem a “sair de si”, a experimentar o “*éxodo de si mesmo*”. Há algo lá fora e em nós mesmos que nos chama a seguir o caminho. Sair, andar, realizar, aceitar as intempéries e abrir mão do abrigo... esse é o caminho. (BERGOGLIO, 2008, tradução nossa.)²⁸

Nas palavras do então cardinal — que posteriormente seria eleito Sua Santidade, Papa Francisco, no conclave de março de 2013 — é possível depreender, claramente, a influência do espaço físico no espaço psicológico, moral, sentimental, e até mesmo espiritual das pessoas. Em *O Senhor dos Anéis*, ou até mesmo em uma caminhada reflexiva que façamos por um jardim, pelas periferias, ou por florestas e campos reclusos e inabitados, estaremos nós, bem como os personagens da história, em uma linha muito tênue entre o físico e o psicológico, o material e o emocional. Como bem argumenta Eric Bronson (2012):

A ideia é ligar os pensamentos a seu entorno imediato. O crítico inglês William Hazlitt (1778-1830) se familiarizou com a poesia romântica ao caminhar com Samuel Coleridge (1772-1834) e William Wordsworth (1770-1850). Ele descobriu que as trilhas de caminhada preferidas por cada poeta influenciavam diretamente seu estilo de escrita. [...] Não era por acaso que suas caminhadas acompanhavam seus estilos. (BRONSON. In: IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 45).

Essa interação entre ambos os espaços — físico e psicológico — pode ser percebida em

²⁸ “Tolkien, en la literatura contemporánea, retoma en Bilbo y en Frodo la imagen del hombre que es llamado a caminar, y sus héroes conocen y actúan, caminando, el drama que se libra entre el bien y el mal. El “hombre en camino” conlleva una dimensión de esperanza; ‘entrar’ en esperanza. En toda historia y mitología humana se subraya el hecho de que el hombre no es un ser quieto, estancado, sino ‘en camino’, llamado, ‘*vocado*’ — de aquí el término *voca*ción — y cuando no entra en esta dinámica entonces se anula como persona o se corrompe. Más aún, el ponerse en camino se enraíza en una inquietud interior que impulsa al hombre a ‘salir de sí’, a experimentar el ‘*éxodo de sí mismo*’ Hay algo fuera de y en nos otros que nos llama a realizar el camino. Salir, andar, llevar a cabo, aceptar la intemperie y renunciar al cobijo... éste es el camino”.

O Senhor dos Anéis em passagens como a estadia na casa de Tom Bombadil, onde os hobbits se sentem extremamente acolhidos e até mesmo perdem a noção do tempo, dado ao espaço físico e psicológico que os envolvia; como ainda a estadia em Valfenda, com os elfos,²⁹ onde os quatro hobbits se encantam com absolutamente tudo; na Floresta de Lothlórien, onde todos os membros da comitiva se sentem envolvidos por uma atmosfera mítica que se desprende até mesmo das pedras, desde a bela *elanor*³⁰ até os magníficos *marllon*;³¹ e, finalmente, em Mordor, onde o ar é seco e pestilento, e não há quase nenhuma água, senão suja e estagnada, e onde as flores e as árvores não crescem, e tudo é estéril: do pó no chão ao céu coberto pela fumaça que incansavelmente se desprendia da Montanha da Perdição.

Gregory Bassham, em seu artigo “O hobbit aventureiro” (BASSHAM. In: IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012), reforça o papel transformador do espaço, especialmente aquele que constitui a jornada, dizendo que:

O filósofo Tom Morris ressalta que fazer uma aula de filosofia pode ser como ter uma experiência ao ar livre para a mente. Os alunos se veem em uma aventura intelectual na qual os grandes filósofos fazem papel de guias nativos — cartógrafos do espírito que, podem ampliar seus horizontes, guiá-los a panoramas empolgantes, ampliar sua imaginação, alertá-los sobre potenciais armadilhas e lhes ensinar as habilidades essenciais da sobrevivência existencial [MORRIS, *Philosophy for Dummies*, 1999, p. 22]. Muitos escritores [diz Bassham] perceberam que a viagem e a aventura também podem ter a consequência de mudar vidas e alterar paradigmas. Os hobbits do Condado são reservados e provincianos; eles sabem, mas não se importam muito com o amplo mundo que é a Terra-média. (BASSHAM. In: IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 18).

O desenvolvimento de todos os personagens, em especial de todos os quatro hobbits, também se dá por meio da Jornada, e pode ser claramente percebido no fim desta. Após terem percorridos tantos espaços (físicos e histórico-culturais), os hobbits retornam ao Condado diferentes de quando o deixaram, como narrado no penúltimo capítulo de “O Retorno do Rei” (2000), intitulado “O Expurgo do Condado”. Quando os hobbits chegam ao Condado, eles são barrados nos portões e são censurados por seus atos. Não bastasse a desconfiança natural dos hobbits, Frodo, Sam, Pippin e Merry retornam em roupas de cavaleiros e com seus rostos austeros, além do fato de os dois últimos estarem mais altos que o normal para um hobbit, graças à bebida que receberam de Barbárvore, a qual os fez crescer. Aqui podemos ainda estabelecer uma relação entre o ent e o crescimento dos dois hobbits: sua passagem pela Floresta de Fangorn (Bárbarvore) os fez crescer não apenas física, mas mentalmente.

Utilizando-se do *espaço* como uma *narração secundária*, ou seja, uma força sobre a narrativa que definirá parte dos acontecimentos da história, o autor está apto a encaminhar os desfechos de sua narrativa e as ações dos personagens, independentemente do “querer” destes, interno à história, pois é o *espaço* quem conduz parte da narrativa, mantendo até mesmo o narrador preso ao espaço físico no qual a história se passa — sobretudo o narrador de Tolkien, tão atento e detalhista em relação à geografia ao redor, fazendo com que, em alguns momentos o espaço tome para si o protagonismo na narrativa, com longos trechos descritivos, sem a presença de diálogos. Uma vez provendo um espaço geográfico que conduza, ou que, de certa forma, imponha as ações, influencie os passos e as construções identitárias dos personagens, o autor estará promovendo um domínio que vai muito além do narrador ou dos próprios personagens.

Para a maior elucidação dessa imposição do espaço físico na obra literária e sua repercussão no espaço cultural (como a construção das identidades dos membros da Comitiva

²⁹ Os elfos são descritos como altos e belos, parecidos com os *Valar*, só que menores em estatura e poder, e são imortais.

³⁰ Pertencente à botânica do *Legendarium* de Tolkien. Flor dourada, de extrema beleza e reluzente ao sol.

³¹ Pertencente à botânica do *Legendarium* de Tolkien. Árvore alta, de grandes troncos cinzentos e grossos, e de flores amarelas.

por meio da Jornada), podemos citar o filósofo e dramaturgo grego, Ésquilo, considerado o pai da tragédia, o qual, em um dos versos de Oréstia, nos diz que: “O homem aprenderá a sabedoria ensinada pela aflição” (AESCHYLUS, p. 14, tradução nossa).³² Na literatura, o espaço pode se encarregar de criar essa aflição para os personagens, sem que o autor tenha, em seu processo de criação, que fazer uso dos próprios personagens ou de uma imposição do narrador. No caso de *O Senhor dos Anéis*, em especial, fica claro que a aflição serve de propulsor para a história, e que essa aflição se dá, em sua grande maioria, por influência dos espaços físicos que se impõem sobre a Comitiva do Anel. Uma caminhada estéril por espaços físicos ou abstratos que não apresentassem surpresas, boas ou ruins, dificilmente se constituiria como uma história aprazível ao leitor — sobretudo ao leitor de uma aventura fantástica. Sendo assim, Tolkien consegue, através do espaço físico, o qual descreve de forma cartográfica e detalhada, encaminhar grande parte do enredo de sua longa história. Utilizando-se do espaço como fio condutor da história ou de grande parte dela, os personagens e o narrador estarão “presos” às imposições do espaço geográfico criado pelo autor, bem como as influências deste na formação dos personagens e da história em si, na criação e nos desdobramentos dos espaços culturais pelos quais os personagens passam e através dos quais são modificados — como defendido por Bakhtin (2011) na relação entre espaço/tempo e identidade.

Tolkien se mostra totalmente contra uma “dominação proposital do autor”, como é descrita por ele a *alegoria*.

[...] eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor. (TOLKIEN, 2000a, p. XIII)

Tolkien prefere dar ao leitor uma liberdade imaginativa e associativa ao não o prender a alegorias ou a uma dominação *político-ideológica*. Contudo, Tolkien, por meio da manipulação do espaço, exerce uma dominação proposital sobre a narrativa — e não sobre o leitor, é preciso deixar isso bem claro —, pois, de certa forma, o espaço físico tem o poder de *obrigar* os personagens a fazerem algo ou a tomarem decisões de acordo com suas características, limitações e imposições geográficas. Ele, o espaço, também é capaz de prender o narrador aos rumos e às influências determinadas por ele próprio, como uma cordilheira que se apresenta à frente no caminho e precisa ser transposta de alguma forma. Podemos aqui citar o exemplo da tentativa da Comitiva em cruzar a Passagem do Chifre Vermelho, no monte Caradhras,³³ em “A Sociedade do Anel” (2000). Inicialmente, Gandalf desejava que atravessassem a passagem, evitando assim o caminho pelas profundezas de Moria,³⁴ o qual temia. Porém, houve a necessidade imposta pelas montanhas de que o grupo tomasse o caminho alternativo pelas minas dos anões, ocasionando o trágico encontro com o Balrog.³⁵

Um outro exemplo dessa manipulação da história feita a partir do espaço pode ser percebido em *O Senhor dos Anéis* por meio do rompimento da Sociedade do Anel e o espaço que constitui essa parte da história, logo após a trágica passagem da Comitiva pela cidade anã de Khazad-dûm. O rompimento se dá às margens do Rio Anduin³⁶ frente à perseguição de

³² “Men shall learn wisdom, by affliction schooled”

³³ Uma passagem estreita e perigosa através das Montanhas Sombrias que ligava Eriador a Rhovanion. Ver mapa da Terra-média. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Pág. 436, 437.

³⁴ Chamada pelos anões de Khazad-dûm, a cidade subterrânea é um grande complexo de minas, câmaras e salões abertos abaixo das Montanhas Sombrias.

³⁵ Balrogs são seres altos e ameaçadores que podem se envolver em fogo, escuridão e sombras, armados com chicotes de fogo e, ocasionalmente, espadas longas. Inicialmente *Maiar*, foram corrompidos por *Melkor*, o Senhor do Escuro.

³⁶ Ver mapa da Terra-média. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Pág. 436, 437.

Boromir³⁷ a Frodo, cego pelo desejo do Um Anel, e o ataque dos orcs à comitiva. Contudo, não fosse o Grande Rio e os labirintos de montanhas afiadas das Eryn Muil,³⁸ a história não tomaria o mesmo rumo que se desenvolve em *O Senhor dos Anéis: as Duas Torres* (2000). Frodo e Sam não estariam entregues às mãos de Gollum,³⁹ na margem leste do Grande Rio, e seus caminhos não cruzariam os Pântanos Mortos,⁴⁰ entre outras paisagens *aflitivas* que influenciaram parte significativa dos rumos da história. E vários outros perigos e eventos que se sucederam a partir do rompimento da Sociedade e da conseqüente mudança de espaço — como o encontro com Faramir e seus homens, ou a emboscada na toca de Laracna, ou ainda o encontro de Merry e Pippin com Barbárvore —, se tomados por outros caminhos, ou seja, por outros espaços, muito provavelmente nem sequer ocorreriam, ou, pelo menos, não ocorreriam da mesma forma, dando outros rumos à história.

Por mais que houvesse o querer e a ação própria dos personagens, internos à história, eles se encontram barrados pelo espaço físico que se impõe sobre eles e, conseqüentemente, tornam-se manipulados por essa geografia que os leva a outros caminhos, descobertas e perigos, a outros desdobramentos da narrativa (e que, por isso, se comporta como uma *narração secundária*, criando ou proporcionando acontecimentos diversos na história). No caso específico de *O Senhor dos Anéis*, na passagem das Cataratas de Rauros,⁴¹ ao se utilizar do espaço físico como fator decisivo para os rumos da jornada, e, conseqüentemente, da história, o autor — sem que a ação deste seja percebida pelo leitor — determina que os personagens ocupem uma parte do espaço onde os perigos serão maiores e a exposição ao inimigo se tornará quase iminente; e, além disso, determina que a história se passe em espaços diferentes, nos quais, graças às suas singularidades, por efeito, conduzem as ações de todos os personagens da comitiva, mesmo que separados fisicamente.

Essa manipulação do espaço exerce um papel fundamental na história e que independe dos desejos internos dos personagens, presos aos rumos, às ações e às decisões estipulados pelo espaço — como no exemplo da passagem da Comitiva por Moria, entre outros —, e independe do narrador, preso às suas características físicas — as quais são detalhadamente narradas ao leitor e conduzem a longa Jornada pela Terra-média. Sendo assim, o autor é capaz de encaminhar parte significativa de sua história sem a interferência direta dos personagens ou do narrador, mas, sim, do espaço, como uma *narração secundária* a influenciar os acontecimentos da narrativa.

Considerações finais

Como que um *narrador secundário*, o espaço constrói as identidades dos personagens, traça os caminhos, descobertas, desencontros, guerras, amizades e inimizades, avanços e regressos, conquistas e derrotas presentes na história. É a Estrada, por exemplo, que confere os contornos de aventura à Jornada do Anel e às ações tomadas pelos personagens de toda a história, sejam elas provocadas pelos espaços imagéticos e culturais — como nos diversos encontros entre diferentes raças e povos —, ou pelos espaços físicos e suas características geográficas. Tolkien se importa, consideravelmente, com o lugar onde se passa sua história, ou o lugar onde determinado personagem habita, nasceu, ou a que pertence de forma transitória. É por meio da manipulação do espaço que o autor cria na mente do leitor uma realidade quase palpável, e, ainda mais, um fio condutor a estipular os passos dos personagens em cada curva da estrada.

³⁷ Capitão-general de Gondor e filho mais velho de Denethor II, o último Regente de Gondor.

³⁸ Ver mapa da Terra-média. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Pág. 436, 437.

³⁹ Criatura pequena e magra, consumida pela maldade e pelo desejo incontrolável do Anel; pertencente ao Povo do Rio, fora um dia muito parecido com os hobbits, antes que o Anel o destruísse metal e fisicamente. Seu nome era Sméagol.

⁴⁰ Ver mapa da Terra-média. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Pág. 436, 437.

⁴¹ Ver mapa da Terra-média. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Pág. 436, 437.

Uma vez que o autor tenha total conhecimento e/ou controle do espaço onde ocorre sua história — sobretudo neste caso de Tolkien, no qual o autor é, também, criador de um mundo secundário —, seja esse espaço puramente físico ou imagético, o autor terá, além do narrador, uma ferramenta condutora tão forte quanto, e, acima de tudo, imperceptível ao leitor que, levado pela força intrínseca ao espaço e seu papel fundamental nos desdobramentos da história, estará ambientado à Jornada e às imposições do espaço à narrativa.

Utilizar-se do *espaço* é, assim, ter a capacidade de influenciar cada trajeto da jornada dos personagens sem que se seja percebido como o simples desejo e imposição de um autor-deus, ou de um narrador ubíquo que conduz cada passo da história. Ao contrário, no *Legendarium* de Tolkien — ainda que se possa pensar no autor como um autor-criador, pois a história se passa em um mundo próprio —, o *espaço* se comporta como uma *narração secundária* por meio de suas influências e imposições nos desdobramentos da história, uma vez que é o espaço geográfico que encaminha e possibilita grande parte dos eventos da Jornada (não os personagens, não o narrador, pois estes estão presos às influências da topografia), e contribui ainda para a criação, também, do espaço cultural e histórico dos diversos povos presentes em sua vasta obra, bem como a criação da identidade de seus personagens. É como se, no *Legendarium* de Tolkien, além do narrador comum, conhecido do leitor, houvesse também o *narrador espaço*, aquele que é responsável por desenvolver parte considerável da narrativa e de seus acontecimentos por meio de sua ação; é como se a Grande Canção continuasse ecoando pela Terra-média, influenciando os desdobramentos da história por meio do mundo criado pelos *Ainur*, por seus rios e vales, colinas e montanhas, campos e florestas, por toda essa paisagem que conduz os passos e influencia as ações dos personagens de forma constante, como que a ação de uma força maior e onipresente a desenhar os seus caminhos.

SPACE AS A SECONDARY NARRATION IN ‘THE LORD OF THE RINGS’

ABSTRACT: This article aims to present a brief analysis of the role of space in *The Lord of the Rings* as a *secondary narration*, a force capable of exerting a significant and constant influence on the events of the story and on the actions and choices of the characters. Through excerpts from the work of J. R.R. Tolkien and theories about space, this article presents and discusses the strong influence of the spaces to which its characters belong or in which they are inserted in a transitory (but transformative) way throughout the Journey.

Keywords: Literary theory. Geography. Literary space. Legendarium. Tolkien.

REFERÊNCIAS

AESCHYLUS. *Agamemnon*. Translated by E. D. A. Morshead. [s.l.] Orange Street Press Classics, 1998.

ANDRADE, Fellip Agner Trindade. ‘O velho e querido Condado’: uma breve análise do papel do espaço rural em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*. *Diálogos Pertinentes*, v. 18, 2022, p. 106-120. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3809>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BAKHTIN, M. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 225-261.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2018.

BASSHAM, Gregory. O hobbit aventureiro. In: WILLIAM, Irwin (ed.); BASSHAM, Gregory & BRONSON, Eric (orgs.). *O Hobbit e a filosofia*. Tradução Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

BERGOGLIO, Jorge Mario. *Mensaje a las comunidades educativas*, 2008. Disponível em: Disponível em: <https://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2015/11/Bergoglio-J.-2008-Mensaje-a-las-comunidades-educativas.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRONSON, Eric. “Grandes pés peludos: um guia hobbit para a iluminação”. In: WILLIAM, Irwin (editor da série). BASSHAM, Gregory & BRONSON, Eric (orgs.). *O Hobbit e a filosofia*. Tradução de Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

FERREIRA, Thiago Destro Rosa. *Mitologia na Contemporaneidade: o Legendarium de J.R.R. Tolkien*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, Instituto de História, UFU, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16440>. Acesso em: 29 ago. 2023.

MACÊDO, G.; VIEIRA, N. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. In: *Bakhtiniana*, n. 10, v. 1, São Paulo, 2015, p. 119-136.

OLIVEIRA, Silvana Pessôa. SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista De Geografia*, 54, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>. Acesso em: 29 ago. 2023.

TOLKIEN, J.R.R. *As cartas de J.R.R. Tolkien*. Org. Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien. Tradução Gabriel O. Brum. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel*. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: as Duas Torres*. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000c.

TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Tradução Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.

WILLIAM, Irwin (editor da série). BASSHAM, Gregory & BRONSON, Eric (orgs.). *O Hobbit e a filosofia*. Tradução de Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

Data de submissão: 01/05/2023

Data de aceite: 19/09/2023